

A Gazeta

03/06/43

Teatro

# Os caminhos do teatro capixaba

Por Gilson Sarmento

Diretor do Serviço de Teatro da Fundação Cultural do Espírito Santo

Passou despercebido o fato de 100 pessoas, durante quatro dias da Semana Santa, se reunirem para discutir a situação do teatro amador e universitário no Brasil. Entre eles, estava um capixaba, Gilson Sarmento, convidado pela Coordenadoria de Assuntos Culturais e pelo Diretório Central dos Estudantes da Universidade Estadual de Londrina, a organizadora da reunião, que teve o pomposo nome de Primeiro Encontro Nacional de Diretores de Teatro Amador e Universitário.

Londrina está se tornando aos poucos um centro de cultura no Paraná, comparável à capital do Estado, reunindo as atenções de uma região que se desenvolveu muito, à base da produção do café. E dentro da cidade, a liderança cultural está com a Universidade, que no setor de Teatro, promove há anos, uma mestra de teatro amador em julho. Estritamente regional, a mostra começa neste ano a se abrir, e um dos primeiros convites foi feito à Fundação Cultural, para que leve ao Paraná seu grupo de teatro amador, para uma apresentação.

Vanguardismo? Rebelião estéril? Popularismo? Sufocamento? Intelectualismo? Auto-censura? Paternalismo? Essas foram algumas das muitas indagações feitas sobre a situação atual do Teatro Amador. Como diretor de teatro e participante do encontro, descrevo e analiso as respostas dadas a essas perguntas, no encontro que já está sendo considerado o marco inicial de uma nova vida no teatro amador.

## ATE O MOBRAL SE DISCUTIU

Durante quatro dias, cerca de 100 representantes de grupos amadores e universitários de todo o país, discutiram os problemas que mais tem afetado a classe nos últimos anos, variando desde a necessidade da ampliação da área abrangida pelo Teatro, até a posição diante do projeto do Movimento Brasileiro de Alfabetização, que se propõe a manter grupos de Teatro que

preços e maneira de cobrança; mandar outra carta, dirigida ao Mobral, sugerindo um encontro nacional de diretores de teatro amador e universitário, juntamente com professores e representantes do órgão, para se discutir especificamente a questão da participação dos grupos de teatro no projeto do movimento; alertar de todas as formas possíveis os órgãos educacionais, do risco que correm os alunos com relação ao teatro-educação, pois proliferam por aí cursos superficiais dados por pessoas não habilitadas; marcar para julho o Segundo Encontro de Diretores de Teatro Amador e Universitário, que será realizado no Rio de Janeiro, e terá como tônica a criação de uma Federação Nacional de Teatro Amador e Universitário.

## UMA FEDERAÇÃO

A irracionalidade e a burocracia de um sistema, constantemente exercendo pressão sobre os grupos artísticos, acabam por derrotá-los; eles morrem simplesmente por não saber ou não ter condição de enfrentar o sistema. Isto evidencia a grande necessidade de um movimento nacional de teatro, que seja lúcido, e que saiba epor-se, ou simplesmente utilizar-se desse sistema sem ser tragado por ele.

Desta forma, e baseadas nesta constatação, os diretores presentes ao encontro, iniciaram um amplo debate sobre a necessidade de criação de uma entidade nacional de teatro que congregue grupos amadores e universitários. Todos reconheceram que está havendo uma grande divisão de forças, que os grupos estão — sendo simplesmente porque se mantêm isolados, ou insistem em manter uma rebelião estéril e ignorar todo o sistema, quando o primeiro passo seria reconhecer a existência de uma realidade contrária.

Porém cedo constataram que ainda não existe estrutura suficiente entidades estaduais e necessária, para criar essa federação. Por isso foi marcado para julho o segundo encontro, com a finalidade de discutir principalmente o

clusivo com técnicas aprimoradas, mas sem conteúdo algum. Ninguém sabe para onde está indo, o que está resultando do seu trabalho. Assistimos espetáculos com grandes arruobos técnicos, espetáculos de puro misticismo. É a esterilidade formal, desprovida de conteúdo.

Outra preocupação manifestada no encontro, foi a **auto-censura** já existente em todos os setores artísticos do país, o que poderá trazer prejuízos a todo o processo criador existente, e perda de memória de todo o processo social e político da nação, para as gerações futuras.

## O POLÊMICO TEATRO POPULAR: SEM PSIQUISMO OU POPULARISMO

Apesar de uma minoria não considerar necessário ainda um movimento de teatro popular em grandes proporções, para a grande maioria dos diretores o teatro amador tende a morrer se continuar fechado. Para eles, há necessidade de uma urgente renovação estética e revitalização, que devem ser buscadas nas raízes étnicas, sociais e folclóricas da nacionalidade.

Depois de muito discutir sobre como fazer teatro popular, o que é teatro popular, vários aspectos práticos foram postos em evidência, para os grupos que realmente pretendem fazer teatro popular: necessidade de humildade e despojamento de vícios intelectuais, racionalismo estéril, popularismo, paternalismo em relação ao povo, vanguardismo, experimentalismo, psiquismo; necessidade de uma linguagem textual coerente com o teatro popular, ou seja, readaptação de textos; simplicidade de encenações; preparação de atores que se façam ouvir e entender; funcionalidade de locomoção das montagens; necessidade de um trabalho continuado em relação a públicos fixos; necessidade de trabalho de autores nessas perspectivas; necessidade de contribuições teóricas sistematizadas a partir de uma contribuição prática.

a rota logo apos o posto policial as ultrapassagens são tao constantes que chega-se a ter filas duplas